

Maisartes

# NO PLATEAU DE PEDRO & INÊS HÁ AMOR NO AR

Visita ao plateau onde António Ferreira roda o sucessor de *Embargo*, a longa-metragem *Pedro & Inês*, baseado no romance de Rosa Lobato Faria. Apanhámos Joana de Verona morta e um Diogo Amaral feliz por ser D. Pedro. Rui Pedro Tendinha

**I**nês de Castro está pálida. Passa da meia-noite e estamos num trilho de floresta perto do Choupal, no Centro Hípico de Coimbra. Convém estar com este ar pálido, ela está morta. António Ferreira vai rodar até às 05.00 da manhã o cortejo fúnebre da rainha mais trágica da história de Portugal. Mas o seu *Pedro & Inês* não é história de Portugal, é uma adaptação de *A Trança de Inês*, o romance de Rosa Lobato Faria, uma adaptação muito livre que já está a ser trabalhada há mais de dez anos.

O aparato na floresta é considerável: muitos figurantes, bombeiros para ver se o fogo das tochas não causa incêndios e uma equipa numerosa, para não falar dos cavalos. Inês é Joana de Verona, a atriz que talvez mais filme em Portugal neste momento. Hoje só tem de fazer de morta. Está numa liteira a tentar não respirar, maquilhada com rigor. Antes da sequência ser rodada, aparenta tranquilidade. Verona transporta no seu rosto um real sentido nobre. Foi escolhida num *casting* que António Ferreira pediu a Patrícia Vasconcelos. Foi também nesse *casting* que descobriu o seu Pedro, Diogo Amaral, que ainda há uns

meses brilhara em *Perdidos*, de Sérgio Graciano.

Ferreira percebeu que Joana e Diogo funcionavam juntos, que tinham a tal cinogenia. Este Pedro e Inês têm mais duas vidas. Nesta história temos a Idade Medieval, o presente e o futuro. E em ambos os tempos eles apaixonam-se e a tragédia acontece. Para o realizador, este não é um pastelão histórico.

“Não são três mulheres diferentes estas Inês, para mim são como se fossem a mesma figura”, começa por dizer Joana de Verona. “Isto dos diferentes níveis de tempo é muito interessante. Pode ser reencarnação, mas, na volta, pode estar tudo a acontecer em simultâneo... Pode estar tudo a ir evoluindo. Não se sabe... Passado, presente e futuro podem estar em mutação”, defende o rei D. Pedro, aliás, Diogo Amaral, que está feliz da vida por estar a fazer o segundo filme da sua carreira num curto espaço de tempo. Diogo que já tinha experiência de galope e que maneja o cavalo com destreza.

Esta noite toda a destreza é pouca. O plano que António Ferreira dirige obriga a que atores e figurantes passem devagar sob a câmara com o corpo de Inês levado numa liteira. É um plano complicado porque o caminho é estreito e as tochas assustam os cavalos. “É impossível assim”, grita Diogo depois de o seu cavalo virar para trás à última da hora. Solução: em vez de um cavaleiro com tocha estar à frente do cortejo, é o próprio D. Pedro quem segura a tocha.

Olhando para o monitor, antecipa-se um plano de sequência com requintes luminosos góticos, cortesia de uma ideia de iluminação do diretor de fotografia Paulo Castilho, que decidiu apostar na luz das pró-

prias tochas e num projetor que faz as vezes de luar forte. Castilho é também realizador da curta-metragem de culto, *O Reino*. “Creio que é a primeira vez que alguém filma em Portugal com estas lentes Panavision”, diz entusiasmado. Quando à hora do jantar António Ferreira nos mostrava brutos de algum material já filmado, percebemos a escala desta produção – este *Pedro e Inês* não ficava a dever nada aos grandes filmes internacionais de época.

Se no passado o estilo pode vir a ser mais clássico, a intriga no presente (cenas filmadas na Quinta das Lágrimas) remete mais para uma estética onírica, enquanto no futuro António Ferreira afirma ter-se inspirado em M. Night Shyamalan e em *AVila*, distopia inesquecível. O futuro deste *Pedro e Inês* é pós-apocalíptico e rural.

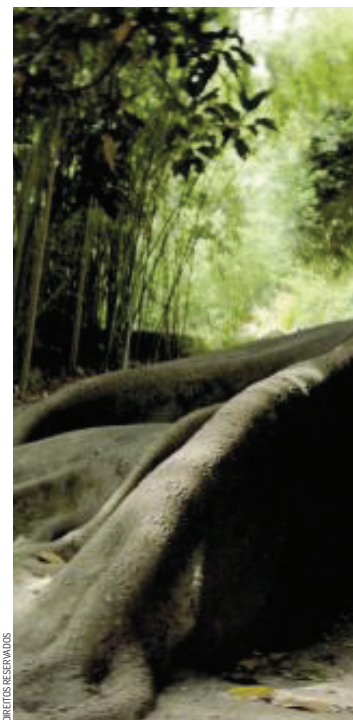
Para além de Pedro e Inês, todas as outras personagens têm vidas no presente e também no futuro, nomeadamente o fiel escudeiro Estevão, interpretado por Cristóvão Campos. “Estou a encarar isto um bocadinho como três curtas. Claro que isto é tudo uma unidade, mas é como se na minha cabeça fechasse e começasse de novo cada período.”

**Este Pedro & Inês de António Ferreira não é história de Portugal, é uma adaptação do romance de Rosa Lobato Faria**

Antes da maratona noturna, prepara-se uma cena com cavalos onde Estevão informa Pedro que Inês foi levada pelos soldados reais do pai. António Ferreira, que trabalha sem *storyboard*, inventa uma sequência onde vai precisar posteriormente de alguns planos de *pick-up*, basicamente planos de corte. A guerra aqui é conseguir filmar antes do sol do fim de dia desaparecer. Quando finalmente conseguem um “corta” final, as dezenas de figurantes aplaudem. António Ferreira e os atores riem-se. Cinema com espectadores.

Na maquilhagem, Diogo Amaral pacientemente vê a sua farta barba natural levar uns salpicos de branqueador. O ator, mais habituado ao ritmo das telenovelas, desfruta do tempo que encontra aqui para a preparação para cada cena: “Tenho mais tempo para pensar nas coisas e depois de a cena já estar marcada consigo ainda ir descobrindo pormenores, outros níveis. Quando tudo é mais rápido não conseguimos chegar lá.” Numa altura em que provavelmente o cinema português pode vir a precisar do conceito do ator protagonista e galã, a aposta em Diogo Amaral parece ser mais do que acertada.

Na mesma sala de maquilhagem, Joana de Verona está a colocar uma trança artificial. A atriz mal acabou a rodagem de *Ouro Verde*, a telenovela da TVI, prescindiu de férias e veio logo para Coimbra para fazer o que mais gosta, cinema: “Estou a achar esta produção muito tranquila. O António tem uma coisa boa: interessa-se por saber a nossa opinião.” Neste *plateau*, temos pena, mas não se sentiram azedumes. Passe o cliché, o amor está no ar nesta história de amor...



DIRETOS RESERVADOS



RUI PEDRO TENDINHA



RUI PEDRO TENDINHA



**Rodagem** Além de Diogo Amaral no papel de Pedro e Joana de Verona no de Inês, o filme contará ainda com a participação de Vera Kolodzig, Custódia Gallego, João Lagarto, Cristóvão Campos e Miguel Borges. Para além do Choupal, onde o DN acompanhou as filmagens, a Sé Velha e a Quinta das Lágrimas são outros locais de Coimbra que servem de palco a algumas das cenas deste Pedro e Inês

## António Ferreira

### “Temos de nos entender! Os subsídios têm de dar para todos!”

#### Que balanço faz após as primeiras semanas de rodagem?

Não têm surgido problemas mas está a ser cansativo. Isto é pesado! Trata-se de um filme muito ambicioso e os nossos meios não são assim tantos. As equipas de produção e de arte são curtas. Ainda assim, estamos a seguir rigorosamente o plano de filmagens. Pessoalmente, estou a adorar. Estamos muito satisfeitos com a qualidade de imagem que estamos a conseguir.

#### Sente-se um entusiasmo seu no plateau...

É uma adrenalina muito grande. Difícil é chegar à cama e dormir, fico sempre a pensar ansiosamente no dia seguinte. A cabeça não para.

#### Este não será um filme histórico, pois não?

Não! As pessoas imaginam Pedro e Inês e pensam logo em “filme histórico”. Nós podemos ter esse lado de Idade Média mas temos três tempos e vamos fazer uma mistura de estéticas. Temos muita liberdade. Queremos um filme visualmente muito rico e que o público se envolva na história, sem ser acordado por erros de reconstituição.

#### Mas pelo tema não terá um valor de certa maneira didático?

Pode atrair os putos, sim, mas putos de alguma idade, pois aqui há sangue e alguma violência. Ob-

viamente que no caso de *Pedro e Inês*, uma coisa é a verdade que está nas crónicas, outra coisa é o peso da lenda começada por Camões... E a mim interessa-me mais a lenda, aquilo que foi ficando perpetuado no imaginário das pessoas. Eu, sendo de Coimbra, sempre me fartei de ouvir falar desta história. Qualquer café aqui tem algum tipo de alusão, nem que seja o “vinho de Pedro e Inês” ou “o pastel de Pedro e Inês”. Quando digo que me quero deslocar de filme histórico é precisamente por isso. Quero fazer um filme contemporâneo e com uma linguagem moderna. Mesmo no passado eles não falam de forma arcaica. Quis trazer a história para um público contemporâneo.

#### Mas sempre quis filmar esta história de amor?

Não, foi graças a uma prima que estava a fazer um doutoramento sobre o mito inesiano no cinema que descobri *A Trança de Inês*, de Rosa Lobato Faria. Ela deu-me o livro e disse-me que aquilo daria um filme. Achei espetacular a abordagem da autora e lancei-me! A primeira versão do argumento foi escrita juntamente com a Rosa. Fiquei dez anos com este projeto!

#### Por viver no Brasil será que é possível um dia fazer um filme inteiramente brasileiro?

A ideia da nossa produtora, Diálogos Atômicos, é essa! Eu e a minha mulher temos no Brasil a produtora e projetos a decorrer, alguns deles já com algum financiamento. Se tudo correr bem, em 2018 estarei por lá a filmar. O meu sonho é poder fazer filmes cá e lá. Outro dos meus sonhos é encurtar os períodos de intervalos de filmagens – estou a fazer filmes de oito em oito anos! Não é propriamente agradável.

#### Vem do Brasil, onde fazia publicidade, e agora regressa ao cinema português num momento onde há grande agitação entre duas fações de produtores e realizadores. Como vê todo este momento?

No Brasil faço parto da associação de produtores e realizadores de São Paulo e não vejo estas guerrinhas! Aqui está tudo dividido em capelinhas e ficamos todos a perder... Temos de nos entender! Isto dos subsídios tem de dar para todos!

#### Perfil



Aos 47 anos, este cineasta de Coimbra filma pela primeira vez com subsídio do ICA para uma longa-metragem. Esquece Tudo o Que Te Disse, de 2002, foi apoiado num concurso para telefilmes e Embargo, de 2010, era filmado com orçamento de curta-metragem. António Ferreira começou por dar nas vistas em 2000 com Respirar (Debaixo de Água), selecionado para o Festival de Cannes.